



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SERGIO AUGUSTO ROSA DE SOUZA

(depoimento)

2012

CEME–ESEF–UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-304

Entrevistada: Sergio Augusto Rosa de Souza

Nascimento: 11/09/1965

Local da entrevista: Porto Alegre – RS

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 14/12/2012

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Christiane Garcia Macedo e Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 15 minutos e 48 segundos

Páginas Digitadas: 6

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para o *Projeto Memórias do Segundo Tempo*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o Programa Segundo Tempo; Trabalho como coordenador da Equipe Colaboradora do Pará e Maranhão; Dificuldades da equipe com a distância e condições de trabalho dos núcleos do programa; Missão do PST; Participação em capacitações.

Porto Alegre, 14 de dezembro de 2012, entrevista com Sergio Augusto Rosa de Souza a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memórias do Esporte.

C.M.– Professor, quando e como iniciou o seu envolvimento com o Programa Segundo Tempo?

S.S.– O meu envolvimento com o PST começou em Janeiro de 2008 eu fui convidado pelo professor Amauri para fazer parte do momento do Programa Segundo Tempo na capacitação de diversos professores do Brasil para depois irem capacitar e difundir a ideia do Programa do Segundo Tempo pelo Brasil, então a capacitação foi realizada em Maringá num espaço de vinte e cinco a trinta de janeiro de 2008.

C.M.– O senhor hoje é coordenador de uma equipe?

S.S.– Então hoje eu sou coordenador da equipe colaboradora vinte e três que a gente tem atuação nos estados do Pará, Maranhão, Piauí e Amapá, mas eu já trabalhei em todas as instâncias ou quase todas as instâncias do Programa Segundo Tempo, quando eu entrei em 2008 eu inicialmente fui formador, depois eu trabalhei nas coordenações das capacitações, diversas capacitações antes de serem formadas as equipes, no momento em que foram formadas as equipes eu fui trabalhar diretamente com o professor Amauri na equipe gestora ficando até agosto de 2010, quando eu tomei posse no concurso como professor da Universidade Federal do Maranhão, foi um momento de expansão das equipes também de muitos convênios e lá no Maranhão precisava de uma equipe colaboradora, eu fui ser colaborador da equipe vinte e três.

C.M.– Quais as atividades que a equipe está desempenhando hoje?

S.S.– Atualmente? Bom a gente tem diversos convênios padrões, modelo padrão então a gente faz as atividades normais da equipe que é capacitação acompanhamento pedagógico nós temos um convenio padrão que a gente tá realizando o projeto piloto que o convenio da Prefeitura de Pau D' Arco que é uma cidade do Pará uma cidade muito pequena com muitos problemas sociais então o nosso projeto de intervenção lá tem sido muito bom a gente tem escola do Programa Segundo Tempo que é o PST na

escola, o PST mais educação muitas escolas, muitas escolas no Pará, muitas escolas no Maranhão esse semestre inclusive foi um semestre de visitas em escolas e nomeadamente isso mais além da produção do conhecimento também a gente tem tentado produzir conhecimento com o material do Programa Segundo Tempo, com o material que a gente trabalha com os convênios a clientela que a gente trabalha também, esse nomeadamente e a função das equipes colaboradoras é o que a gente tem feito.

C.M.– E mais ou menos quantas pessoas tem na equipe?

S.S. – São quatro pessoas só, são duas pessoas no Maranhão e duas no Pará em Belém.

C.M.– E quem são?

S.S.– Eu como coordenador e a professor Marta Genú que é professora da Universidade Estadual do Pará como vice-coordenadora, temos um avaliador que é o professor Adnelson Araujo que é professor da UEPA também em Belém e tem o professor Hamilton¹ que é da Universidade Federal do Maranhão que foi o ultimo integrante dentro da equipe.

C.M.– E para o senhor quais são as possibilidades e os limites do PST?

S.S.– Possibilidades e limites!

C.M.– O que vocês tenham encontrado pelas visitas?

S.S.– Eu penso assim, vou começar pelos limites e a partir dos limites que eu vejo possibilidades, a gente trabalha numa região em cidades que tem uma vulnerabilidade social muito grande são regiões e cidades que tem assim distâncias geográficas e sociais enormes, então por exemplo, um exemplo essa cidade de Pau D'Água no qual a gente fala é uma cidade que tem seis mil habitantes, três ruas, mil e duzentos quilômetros da capital para se chegar nessa cidade para gente visitar é um dia de viagem, zero por cento de saneamento básico , trinta por cento das casas dessa cidade somente tem luz elétrica,

¹ Nome sujeito a confirmação.

a cidade não tem opções de lazer para jovens e crianças as únicas opções de lazer que tem são bares, são lazeres que não são muito bons que a gente entende que não são muito bons para os jovens e as crianças, ou seja, é uma cidade que não tem espaço público para as atividades físicas e nem para os lazeres talvez sim, o primeiro é o limite agente entende que são barreiras que devem ser derrubadas ainda ou alcançadas ou preenchidas são lacunas que devem ser preenchidas no meu entendimento em problemas como esse a gente verifica que ainda é poucos núcleos poucos convênios são atendidos em regiões distantes acho que esse é um limite que a gente percebe e para gente em quanto equipe colaboradora existem muitas dificuldades em acompanhar convênios assim são questões que a gente até elenca em algumas reuniões e algumas pessoas não compreendem as distâncias que determinadas regiões tem então tem cidades que a gente vai o telefone não pega, internet não tem, quando é internet é discada então as pessoas não tem acesso a internet, alguns não tem acesso nem a luz, então, bom entretanto quando eu vejo esse contexto e o que me mostra as possibilidades então eu vejo assim uma cidade como essa que eu citei um exemplo Pau D' Água se não fosse um programa como essas crianças não teriam acesso ao lazer e ao esporte , então veja que são grandes possibilidades o alcance do Programa Segundo Tempo tem hoje em determinadas regiões para minimizar essas distancias geográficas e sociais é enorme é assim um programa de grande valia é isso que a gente visualiza, ou seja, é a missão e o comprometimento de pessoas com a missão do Programa Segundo Tempo que é justamente o direito ao lazer e ao esporte de todo o cidadão brasileiro.

C.M.– Em relação as capacitações o que o senhor já participou?

S.S.–Durante todo esse tempo?

C.M.–Isso! Se puder falar um pouco das mais importantes.

S.S.– Em 2008 quando eu entrei eu participei em todo o processo, penso eu nós tivemos aí cinquenta e seis capacitações em 2008 presenciais que foi o primeiro ano assim de um corpo pedagógico diferente do Programa Segundo Tempo que estava sendo construído sendo elaborado e diversos grupos, diversos professores tiveram essa capacitação de janeiro de 2008 eram quarenta professores aproximadamente, quarenta e alguma coisa e aí foram subdivididos em foram divididos em seis ou sete grupos esses

seis ou sete grupos viajaram pelo Brasil, fazendo capacitações presenciais com os coordenadores de núcleo, então nesse ano de 2008 nós tivemos aí aproximadamente cinquenta e poucas capacitações eu como tinha um tempo livre maior e não estava ligado a nenhuma instituição estava trabalhando, colaborando exclusivamente com o Programa Segundo Tempo eu tive mais ou menos aproximadamente trinta capacitações no Brasil todo, bom isso em 2008 e em 2009 teve um número menor de capacitações mas eu fui num grande número, mas tive oportunidade de conhecer diversas realidades eu vejo que o processo de capacitação é muito interessante tanto presencial quanto esses outros modelos, apesar de que eu entenda que esses novos modelos principalmente distantes em algumas regiões esse processo ainda ele é como é que é ineficaz mas ele não alcança os objetivos dele ainda isso e um processo ainda, mas eu vejo que o processo de capacitação é maravilhoso e eu me lembro de várias situações assim que a gente presenciou maravilhosas também então assim algo muito interessante que eu acho é legal destacar, o grupo que viajava na capacitação três eram professores de determinadas regiões, em determinadas capacitações a gente ia para o nordeste, mas o grupo era da região sul - sudeste e por diversos momentos houve um embate cultural assim entre quem participava e quem estava a frente da capacitação, então diversas vezes a gente ouvia vocês não conhecem a realidade daqui a realidade daqui é diferente e a gente enquanto professor formador também era um embate muito interessante, então demonstra também no meu entender o alcance do Programa Segundo Tempo. Veja que é um programa que pelo nível continental que a gente tem no nosso país essa estrutura continental ele não pode ser um programa fechado com ideias fechadas e muita forma de atuar ele tem que ser moldada tem que ter um eixo comum mas moldada em cada região, porque cada região tem uma característica um contexto cultural diferente nosso país e muito grande isso foi demonstrado nas capacitações é muito interessante mas a gente também teve oportunidade de além de trabalhar como formadores aprender muito foi muito legal o processo é excelente.

C.M.– O que mais mudou de 2008 até agora na capacitação?

S.S.– Ah! Primeiro o elemento físico assim o presencial, presencial no sentido que a gente tinha um contato maior com as pessoas, mas acho que assim que o aspecto mais interessante ainda se eu fosse pegar as primeiras capacitações e as de hoje, elas hoje elas têm um caráter mais participativo pelo menos e o que a gente tenta trabalhar não é, mais

participativo o que eu quero dizer se as primeiras antes o professor o formador ele estava com aquela ideia de formar mesmo as pessoas ficavam aparentemente mesmo presencialmente muito receptores, passivos muito distantes mesmo que a gente não quisesse isso hoje eu percebo que as pessoas participam mais, então é um caráter mais ativo mais participativo no sentido que as pessoas colaboram mais na capacitação. Outra situação é que esse formato de capacitação das pessoas ele veio justamente nisso, nesse processo que a gente passou durante esses quatro, cinco anos que no próprio Segundo Tempo às próprias pessoas envolvidas perceberam que foram modificando desde 2008 foi um crescimento nesse entendimento, então se em 2008 aqueles que elaboraram os temas da capacitação ainda estavam muito distantes da realidade com o contato com o coordenador, contato com as regiões, contato nas visitas, contato com os programas sendo desenvolvidos, a própria maneira dele entender a relação entre professor formador e coordenador foi modificando entende, então eu vejo que a capacitação hoje ela é um produto não fechado e claro, mas é um produto desse processo todo de contato entre região e professor ai que eu vejo algo interessante também na capacitação de hoje as equipes colaboradoras das regiões e que são responsáveis pelas capacitações ou seja, um exemplo, se antes eu saía do sul ia falar para colaboradores, coordenadores do nordeste uma realidade muito distante da minha, aquilo que eu falava eu falava de uma realidade que eu não conhecia deles, hoje não, por exemplo falo de uma realidade que eu conheço eu viajo e trabalho com os colegas ali numa realidade que eu conheço, então veja que a proximidade ao conhecimento a região, conhecimento ao contexto ela é muito importante nesse processo ensino aprendizagem .

C.M.– Professor quer fazer mais algum registro alguma consideração?

S.S.– Não! Eu queria agradecer acho que o trabalho que vocês tem feito tem sido ótimo a gente tem muito material, acho que o Programa Segundo Tempo é um Programa riquíssimo pelas pessoas e pela história dele eu desejo sucesso para vocês que vocês consigam captar e registrar essa história porque é uma história que aparentemente no início ela foi assim muito descendente de cima para baixo e ao longo desse processo todo ela tem sido também ascendente agora, ou seja, aquilo que veio do contexto da cultura das pessoas da realidade das pessoas tem se misturado eu vejo que esta que é a riqueza da história do Programa Segundo Tempo um programa que tem professores, um grupo de professores maravilhosos, pessoas maravilhosas que tem tido a visão e

trabalhado nesse sentido ter esse entendimento que para mim é fundamental parabéns pelo seu trabalho obrigado pela oportunidade aqui.

C.M. – Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]